

es

h

h

es

h

h

**GUSTAV  
MAYER**

**FRIEDRICH  
ENGELS**

**UMA  
BIOGRAFIA**

TRADUÇÃO  
**PEDRO DAVOLIO**

APRESENTAÇÃO E NOTAS  
**JOSÉ PAULO NETTO**



© Boitempo, 2020

Traduzido da edição inglesa *Friedrich Engels: A Biography*  
(trad. Gilbert e Helen Hight, org. R. H. S. Crossman, Londres, Chapman & Hall, 1936)

<i>Direção-geral</i>	Ivana Jinkings
<i>Edição</i>	Tulio Kawata
<i>Tradução</i>	Pedro Davoglio
<i>Revisão técnica</i>	João Quartim de Moraes
<i>Coordenação de produção</i>	Livia Campos
<i>Assistência editorial</i>	Carolina Mercês
<i>Preparação</i>	Maísa Kawata
<i>Revisão</i>	Sandra Kato
<i>Capa</i>	Maikon Nery
<i>Diagramação</i>	Nobuca Rachi

*Equipe de apoio* Artur Renzo, Débora Rodrigues, Dharla Soares, Elaine Ramos, Frederico Indiani, Higor Alves, Ivam Oliveira, Kim Doria, Luciana Capelli, Marina Valeriano, Marissol Robles, Marlene Baptista, Maurício Barbosa, Pedro Davoglio, Raí Alves, Thais Rimkus, Túlio Candiotti

CIP – BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ  
Meri Gleice Rodrigues de Souza – Bibliotecária – CRB-7/6439

---

M421f

Mayer, Gustav, 1871-1948

Friedrich Engels : uma biografia / Gustav Mayer ; tradução Pedro Davoglio. – 1.ed. – São Paulo : Boitempo, 2020.

Tradução de: *Engels: A Biography*

Inclui índice

ISBN 978-65-5717-025-0

1. Engels, Friedrich, 1820-1895. 2. Comunistas – Biografia. I. Davoglio, Pedro. II. Título.

---

20-66295

CDD: 920.93354

CDU: 929:330.85

---

É vedada a reprodução de qualquer  
parte deste livro sem a expressa autorização da editora.

1<sup>a</sup> edição: novembro de 2020

BOITEMPO EDITORIAL  
Jinkings Editores Associados Ltda.  
Rua Pereira Leite, 373  
05442-000 São Paulo SP  
Tel.: (11) 3875-7250 / 3875-7285

[editor@boitempoeditorial.com.br](mailto:editor@boitempoeditorial.com.br) | [www.boitempoeditorial.com.br](http://www.boitempoeditorial.com.br)  
[www.blogdaboitempo.com.br](http://www.blogdaboitempo.com.br) | [www.facebook.com/boitempo](http://www.facebook.com/boitempo)  
[www.twitter.com/editoraboitempo](http://www.twitter.com/editoraboitempo) | [www.youtube.com/tvboitempo](http://www.youtube.com/tvboitempo)

## SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO: GUSTAV MAYER – O BIÓGRAFO CLÁSSICO DE F. ENGELS JOSÉ PAULO NETTO.....	9
PREFÁCIO .....	25
CAPÍTULO I – FAMÍLIA E MOCIDADE .....	27
CAPÍTULO II – ENTRADA NA POLÍTICA .....	35
CAPÍTULO III – SERVIÇO MILITAR. OS JOVENS HEGELIANOS.....	39
CAPÍTULO IV – RUMO AO COMUNISMO .....	45
CAPÍTULO V – ESTUDOS POLÍTICOS E SOCIAIS NA INGLATERRA .....	49
CAPÍTULO VI – AMIZADE COM MARX.....	61
CAPÍTULO VII – NA BÉLGICA E NA FRANÇA.....	73
CAPÍTULO VIII – O <i>MANIFESTO COMUNISTA</i> .....	83
CAPÍTULO IX – A REVOLUÇÃO ALEMÃ .....	91
CAPÍTULO X – A QUESTÃO DA REVOLUÇÃO ALEMÃ .....	101
CAPÍTULO XI – REAÇÃO E PROSPERIDADE. A RUPTURA COM A DEMOCRACIA BURGUESA .....	111
CAPÍTULO XII – LONDRES E MANCHESTER.....	119
CAPÍTULO XIII – A GUERRA DA CRIMEIA E A DEPRESSÃO ECONÔMICA .....	133
CAPÍTULO XIV – ENGELS E LASSALLE. A GUERRA DE 1859.....	145

CAPÍTULO XV – A GUERRA CIVIL AMERICANA.....	149
CAPÍTULO XVI – A ASCENSÃO DA PRÚSSIA. O PROBLEMA IRLANDÊS .....	165
CAPÍTULO XVII – A GUERRA FRANCO-PRUSSIANA.....	177
CAPÍTULO XVIII – A LUTA CONTRA BAKUNIN.....	183
CAPÍTULO XIX – O IMPÉRIO ALEMÃO E A UNIFICAÇÃO DA SOCIAL-DEMOCRACIA ALEMÃ .....	191
CAPÍTULO XX – A LEGISLAÇÃO ANTISSOCIALISTA. A MORTE DE MARX .....	199
CAPÍTULO XXI – DA PRIMEIRA À SEGUNDA INTERNACIONAL .....	213
CAPÍTULO XXII – A POLÍTICA EUROPEIA NA QUEDA DE BISMARCK .....	229
CAPÍTULO XXIII – OS ÚLTIMOS CINCO ANOS. O PERIGO DA GUERRA MUNDIAL .....	237
CAPÍTULO XXIV – O FIM .....	289
NOTAS DA EDIÇÃO BRASILEIRA	
<i>JOSÉ PAULO NETTO</i> .....	295
ÍNDICE ONOMÁSTICO.....	309
CRONOLOGIA DA VIDA E OBRA DE FRIEDRICH ENGELS .....	323
SOBRE O AUTOR .....	333

## VI

### AMIZADE COM MARX

Engels deixou Manchester no final de agosto de 1844 e viajou para a Alemanha, passando por Paris. Depois de longos meses sob o “terrível céu de chumbo” de Lancashire, seu espírito alegre acelerou-se novamente na vida brilhante dos bulevares. Mas a grande experiência dos dez dias que passou em Paris não foram as perambulações pela cidade nem o passeio pelos lugares consagrados pelas memórias de Babeuf, Marat e Robespierre: foi sua nova amizade com Karl Marx<sup>34</sup>.

Marx e Engels finalmente chegaram a um entendimento. Viram que se complementavam e que seu desenvolvimento espiritual tinha seguido a mesma linha. Ficaram felizes ao perceber que seriam companheiros nessa caminhada no futuro porque, um independente do outro, tinham formado as mesmas visões de seu objetivo e do caminho em direção a ele. Sabiam que só poderiam alcançar seu fim comum compartilhando seu conhecimento e sua força. Amizades não são feitas apenas de um tempo e de uma estação, e poucas suportam as leis da mudança. Não é de surpreender que Marx e Engels, a essa altura, sentissem que estavam entrando em uma parceria permanente e que sempre aprenderiam e lutariam lado a lado. Mas é impressionante que essa parceria tenha permanecido estável ao longo de anos de mudanças; e é sem paralelo que a conquista desses dois homens seja tão completa, tão vigorosa, uma unidade tão viva.

Não investigaremos aqui a vida e o desenvolvimento espiritual de Marx. Mas é importante sabermos como seu caráter contrasta com o de Engels. Se o espírito ativo e persistente de Engels era como a torrente da montanha, Marx era como a tempestade que golpeia sem prestar atenção se destrói ou edifica. Engels sentiu-se seguro assim que deixou a atmosfera pietista de sua casa em favor do ar puro da teologia e da filosofia especulativas; ele estava satisfeito por ter embarcado no “trem para o futuro”. Mas Marx combateu o espírito de seu tempo como Jacó lutou com o anjo. Seu trabalho nasceu lenta e dolorosamente; seu pensamento

era profundo e perspicaz, porque era ao mesmo tempo destrutivo e construtivo. Engels era naturalmente um homem mais prático, mais rápido em se orientar. Ele sentia as coisas “no ar”; era capaz de pegar o material que estivesse à mão, selecioná-lo e combiná-lo até encontrar uma nova conexão, mas carecia de originalidade dialética. As diferentes atitudes de Marx e Engels refletem-se na diferença de seus estilos. As frases de Engels não apresentam marcas de luta com sua forma ou pensamento. Elas correm rápidas e sem hesitação; transparentemente claras, fluentes e graciosas, respondem a todas as ideias que seu escritor se preocupou em expressar. Suas cartas são iluminadas por um senso de humor saudável. Seus primeiros escritos contêm muitas vigorosas figuras de linguagem poéticas. Já as frases de Marx estão sempre transbordando pensamentos: elas são receptáculos e, nesse sentido, inadequadas. As antíteses de que tanto gostava eram pregadas em torno das conclusões a que chegara após um longo trabalho intelectual; sua intenção era sempre fazer que leitor e escritor tivessem a posse permanente dessas conclusões. Brilho, falta de jeito e ocasional obscuridade são fundidos em seus escritos; mas eles sempre irradiam o impacto da bigorna do pensamento.

Engels era muito menos nervoso, muito mais estável que Marx; tinha uma disposição mais brilhante, menos contorcida e mais harmoniosa. Física e intelectualmente, era mais elástico e resiliente. Frequentemente censurava Marx por permitir que seu temperamento o “tragasse”, por nunca relaxar e nunca estar satisfeito consigo mesmo. Ambos eram igualmente capazes de resistência, tenacidade e persistência, e ambos possuíam grande amor ao trabalho e uma capacidade inesgotável para ele. Ao longo de suas vidas, entregaram-se sincera e desinteressadamente à sua tarefa, perseguindo-a com devoção fanática e uma rejeição indômita da vaidade pessoal. O tom das cartas que trocaram é estimulante, rápido, livre e fácil: ele reflete a modéstia que em ambos se combinava com uma残酷za selvagem contra si mesmos e contra os outros.

Em uma dessas cartas, Engels menciona que Marx “conhecia sua indolência *en fait de théorie* [no que se refere à teoria]”, que o mantinha surdo às queixas de seu melhor eu e o impedia de alcançar a raiz do objeto. Engels conhecia bem sua própria natureza. Era necessário que ele encontrasse um ponto a partir do qual pudesse ver o espetáculo complexo da história; mas não podia reduzir suas percepções e pensamentos a um sistema científico. Os poderes de síntese de Marx deixaram Engels em profunda dúvida com ele. Engels ajudou a marcar as fundações – ele trouxe material valioso –, mas nunca poderia ter erguido o edifício, por mais que desejasse um lar espiritual. Wilhelm Liebknecht, que conhecia Engels bem, fala do olhar penetrante de seus brilhantes olhos azuis. Já conhecemos seu instinto afiado de caçador, sua visão segura e sua adesão incansável à verdade: vimos como seu senso de direção ágil e resoluto o serviu durante as perplexidades de sua juventude, ajudou-o a ensinar a si mesmo e, finalmente,

a encontrar o objetivo que procurava. Ele sempre foi capaz de descartar o inútil e escolher o útil por meio de um processo intuitivo de seleção. Mas a ferroada da controvérsia foi necessária antes que todos os seus poderes de crítica pudessem ser despertados. E, mesmo assim, a crítica intelectual raramente era a força motriz de sua alma; as decisões finais já tinham sido tomadas, pois eram imediatas e talvez inconscientes. Ainda assim, se as críticas fossem necessárias, ele se entregava a elas com muito prazer e destreza, pois era um lutador por natureza. Em seus dias de juventude, quando seus julgamentos agudos e temperamento explosivo ofenderam os outros, ele não evitou desafios ocasionais para duelos; mais tarde, seu interesse apaixonado pela ciência militar lhe rendeu o apelido de “o general”, e seus amigos o consideravam o Carnot de uma futura revolução alemã<sup>35</sup>.

A visão de Engels sobre a vida era estimulante e não acadêmica. Escolheu aprender com os fatos quando estes entravam em sua linha de visão; preferia detectar em vez de estudar, improvisar em vez de sistematizar. Mas, onde Engels falhava, Marx era forte. Mais tarde, ele admitiu a Bebel que Marx tinha lhe ensinado o significado do trabalho científico. Embora adorasse os livros, não era natural para ele passar a vida inteira em bibliotecas, coletando material diligentemente para confirmar sua visão da sociedade e da história. Era mais do seu gosto fazer amizade com outros homens e aprender com eles, encontrar conexões e começar a fazer associações que promovessem a causa sagrada que ele tinha em vista. Pelo seu corpo atlético, movia-se um impulso constante à ação; ele era um cavaleiro e caçador entusiasta, de modo que nem mesmo sua feroz inimizade social e política com a nobreza inglesa o impedia de cavalgar com ela. E, no mesmo espírito, não hesitava em “caçar além das altas cercas do pensamento abstrato”. Mas sempre foi mais feliz quando conseguiu exercer as capacidades práticas que herdara de seus ancestrais – mesmo na esfera intelectual. E depois que conheceu Marx e percebeu que seu amigo se destacava nas qualidades que ele não possuía, limitou-se com consciência tranquila ao exercício de seus verdadeiros talentos.

Embora tivesse uma mente vigorosa e receptiva, não devemos esquecer que sua educação pouco sistemática lhe dera certos traços diletantes. Mas, mesmo que tivesse tido tempo e oportunidade de estudar filosofia com mais precisão, seus dons especiais nunca teriam surgido no domínio do pensamento abstrato. Ele nunca poderia ter dominado, analisado e reconstituído o conhecimento das gerações passadas com a liberdade e o domínio de Marx. Era sensato de sua parte reconhecer que seu espírito precisava de um piloto para visitar novas terras. Embora tivesse um certeiro senso de direção, não confiava em si mesmo para dirigir sozinho. Depois de Strauss e Börne, ele se voltou a Hegel em busca de orientação. Quando chegou a Feuerbach, sentiu que seu espírito estava suficientemente forte para fazer uma excursão independente além dos limites da doutrina

do filósofo solitário e antissocial. E então conheceu Marx, que estava seguindo na mesma direção. Juntou-se a ele e de bom grado começou a fazer “o que fui feito para fazer, tocar o segundo violino” – feliz por ter encontrado o primeiro violino e seguir sua liderança. Ele nunca aspirou mais? Sempre permaneceu satisfeito com seu *status* subordinado? O próprio Engels teria se recusado bruscamente a responder a essa questão. Não existem palavras dele que provem qualquer conflito trágico em sua alma. Seu pensamento nunca foi centrado em si mesmo, e ele não foi torturado pela ambição. Aos dezoito anos, contentara-se em reconhecer que não era poeta. E da mesma maneira, nos anos posteriores, estava contente em não esperar figos dos cardos, mas desfrutar do exercício das ricas qualidades que ele possuía. Em 1880, ele escreveu para Eduard Bernstein e, referindo-se a Marx, disse que não entendia como alguém poderia ter ciúmes de um gênio. “A genialidade é uma coisa tão excepcional que nós que não a temos sempre sabemos que não podemos alcançá-la.” Portanto, não devemos imaginar que Engels estivesse triste e resignado: ele não deixou motivos para essa visão.

Mas o fato mais importante sobre a nova amizade era a contribuição que cada um poderia dar ao pensamento do outro quando se conheceram. Em seu tempo como editor da *Gazeta Renana*, em Colônia, Marx reconheceu que a filosofia não está “fora do mundo”. Desapontado com sua crença na política, voltou-se à crítica da política. Ele via o significado do mundo material e a necessidade de uma revolução nele; percebia que toda revolução política era limitada, que a própria democracia era uma coisa incompleta. Mas, na época em que Engels estava se voltando ao comunismo, Marx não conhecia mais sobre suas doutrinas do que isso. Não é mais do que a verdade quando ele diz a Engels, vinte anos mais tarde: “você sabe que sou lento para entender as coisas e que sempre sigo suas pegadas”. A imensa importância das doutrinas socialistas para o desenvolvimento de seus ideais de humanidade despontou para ele pela primeira vez quando migrou para Paris. Assim que o problema das massas se apresentou, ele começou a perceber sua importância na história e mergulhou ansiosamente no estudo da Revolução Francesa.

Na França, como na Inglaterra, havia uma crença generalizada de que os conflitos políticos da história ocultavam sua real natureza de conflitos de classes. Sob tais influências, Marx logo percebeu que, em toda revolução puramente política, “uma classe tenta, a partir de seu ponto de vista especial, emancipar a sociedade”. Ele confiava em seu gênio para as críticas produtivas: recusando-se a abordar dogmaticamente o futuro do mundo, preferia desenvolver sua nova posição a partir da crítica do passado. Sentia a necessidade de que sua época se dedicasse a uma crítica implacável a todas as coisas existentes – uma crítica implacável que não recuou nem mesmo diante de suas próprias conclusões ou de conflitos com a autoridade. Como Engels, ele pretendia mudar a perspectiva

de seus semelhantes; mas apontava mais diretamente. Não via a solução como “uma grande divisão entre o pensamento do passado e o pensamento do futuro”, mas como o reconhecimento pela época de seus próprios conflitos e desejos.

Engels se interessou cedo pelo problema da ação. Ele poderia ter encontrado uma solução mais completa para esse problema do que a proposta por Marx em suas contribuições aos *Deutsch-Französische Jahrbücher* [Anais Franco-Alemães]<sup>36</sup>? Deve ter ficado impressionado ao encontrar ali, com uma novidade e uma grandeza surpreendentes, a completa unificação de pensamento e ação, a perfeita reconciliação entre teoria e prática e uma declaração intransigente de que era o curso da história que emanciparia a humanidade. Ele também não chamou a história de Alfa e Ômega, não esperava que ela traria a vitória da revolução? Engels acreditava que o proletariado inglês era a tropa de choque da revolução mundial. Marx ainda estava com o olhar fixo na Alemanha: ele a abandonara para evitar as amarras da censura e “para fazer a Alemanha petrificada dançar à força” ao som da música que ele tocava. Devemos lembrar da avidez com que Engels tentou mostrar que o comunismo nascia naturalmente da filosofia hegeliana, da ansiedade com que perguntava por que surgiam líderes socialistas entre as classes educadas da Alemanha, mas não entre as da Inglaterra, da dificuldade e do sucesso de sua busca pela conexão entre política e economia. Com isso em mente, entenderemos facilmente o imenso efeito que o ensaio de Marx teve sobre ele. Podemos ver pelas contribuições de Marx e Engels aos *Anais Franco-Alemães* que eles esperavam que a abolição do proletariado levasse ao que Feuerbach idealizou como o futuro da humanidade. Marx chamou-o de resolução do “conflito entre a existência sensível do indivíduo e a existência da espécie humana”, e Engels o descreveu como a “reconciliação da humanidade com a natureza e consigo mesma”. Engels desejava colocar os processos de produção material sob o controle consciente da humanidade: somente assim o homem poderia vencer a propriedade privada, que desorganizara a ordem social. Marx tinha esperanças de que “a ordem mundial existente se dissolveria” quando os interesses materiais das massas coincidissem com os interesses intelectuais dos filósofos – o que eles estavam dispostos a realizar. Mas tanto Marx quanto Engels viam claramente que a libertação que desejavam ia muito além do domínio da política.

Na Inglaterra, Engels reconheceu que o mundo econômico e social era independente e anterior ao Estado. Mas foi Marx quem primeiro lhe mostrou que a política e a história são explicáveis apenas em termos de relações sociais – o princípio que se tornou a alavancas de toda a sua concepção de história. Marx deu a Engels a prova final de sua suposição de que o comunismo era a continuação e a conclusão do pensamento filosófico alemão e uma solução convincente para o conflito aparentemente irreconciliável entre o espírito e as massas.

Nesse pensador vigoroso, que podia lhe demonstrar sistematicamente, com uma dialética penetrante, aquilo que ele apenas vislumbrara em linhas gerais e esboços, Engels encontrou seu mestre espiritual. Mas o próprio Marx encontrou grande significado vital em “Carlyle” e “Esboço de uma crítica da economia política” de Engels, e ainda mais nas opiniões e fatos que ouviu diretamente deste. Seu pensamento sempre fora abstrato; até se tornar editor da *Gazeta Renana*, nunca havia adentrado o mundo dos assuntos práticos. Mesmo então, não tinha o conhecimento factual necessário a um homem que pensava que a economia desempenhava o papel principal na história. Foi Engels quem lhe ensinou a técnica necessária ao estudo dos fatos econômicos. Engels o ajudou a conhecer as realidades vivas, e Engels era o homem certo para fazer isso, uma vez que tinha conhecimento pessoal da indústria, do comércio e do capital e mantinha contato pessoal com o proletariado moderno. No começo, Engels poderia lhe ensinar lições mesmo em economia política. Marx ficou profundamente impressionado quando entendeu que Engels tinha usado essa ciência tão negligenciada pelos hegelianos para mostrar que todas as categorias econômicas são redutíveis a diferentes formas de propriedade privada e, assim, desenvolver uma prova dialética da inevitabilidade do comunismo. Como Marx sustentava que a história se baseava em fatos materiais, não em ideias, foi obrigado a concentrar sua atenção no mundo econômico. Uma vez que defendia que o progresso da civilização dependia da abolição do proletariado, foi obrigado a investigar as leis que tinham criado o proletariado e as tendências que concorriam para a sua abolição. E aqui as sugestões de Engels tiveram valor inestimável. Ele viu as coisas sob uma luz nova e clara quando seu amigo apontou a oposição entre as frases gentis e a prática desumana do *laissez-faire*; os relatos de Engels sobre as crises financeiras e a acumulação de capital foram uma revelação para Marx. Anos depois, quando o releu, ele falou com admiração do “gênio” que encontrou no “Esboço de uma crítica da economia política”. Em 1862, ele declarou que Engels já tinha descoberto ali a objeção decisiva à teoria da renda da terra de Ricardo.

Era inevitável que os amigos discutissem o desenvolvimento do pensamento filosófico alemão e o círculo filosófico de Berlim do qual tinham sido membros. Marx sempre achava mais fácil progredir intelectualmente opondo suas crenças atuais às crenças que tivera e descartara. Engels não se sentia propenso a agir assim. Não lhe teria ocorrido escrever uma grande obra dedicada exclusivamente a atacar os hegelianos de Berlim, que, seguros nas elevadas alturas da teoria abstrata, bombardeavam seus antigos camaradas com panfletos – simplesmente porque eles sentiram que deveriam adentrar o mundo e aprender algo sobre as massas trabalhadoras. O livro que escreveu com Marx dirigia-se ao grupo de Berlim, que estava centrado na “família Bauer”, e ridicularizava a crença deles na existência transcendente do Espírito. Seu título original era *Uma crítica*

*da Crítica crítica*. Engels ficou desagradavelmente surpreso quando outro título, *A sagrada família* (que tinha sido usado em conversas), foi posto no livro pelo editor. Ele queria evitar “brigas desnecessárias” com seu pai devoto – já irritado com sua conduta. E ficou ainda mais irritado porque seu nome apareceu ao lado do de Marx na folha de rosto. “Eu não escrevi quase nada disso”, disse, “e qualquer um pode reconhecer seu estilo. De todo modo é ridículo, pois redigi talvez uma dúzia de páginas e você centenas!”<sup>37</sup>

Mas podemos ver o que Engels conseguira sozinho em seu livro *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra segundo as observações do autor e fontes autênticas*<sup>38</sup>. Ele o escreveu em Barmen no outono de 1844 e inverno de 1844-1845. Trata-se do principal trabalho de sua juventude. Ele foi extraordinariamente bem-sucedido em combinar suas opiniões aos fatos que descreveu. Quando, mais velho, foi chamado de o fundador da economia política descritiva, ele mencionou Petty, Bois-Guillebert e outros; e acrescentou que franceses e ingleses descreveram a posição do proletariado antes dele. Disse que teve a sorte de ser o primeiro homem no centro da indústria moderna “a abrir os olhos para as condições de vida, pelo menos para as mais óbvias”. Mas essa foi uma conquista pequena?

O livro foi dedicado, em inglês, à classe trabalhadora da Grã-Bretanha. Na dedicatória, Engels menciona com orgulho os documentos que estudou e as observações pessoais que realizou a fim de dar uma imagem verdadeira de suas lutas contra a força política e social de seus opressores. Escreve estar feliz em pensar que passou suas horas de lazer em Manchester não nas mesas ricas dos proprietários de fábricas, mas na companhia de trabalhadores pobres e no estudo de suas vidas. A classe média inglesa nunca produziu um trabalho legível que lidasse com a situação da maioria dos britânicos nascidos livres: tinha deixado a cargo de um estrangeiro contar ao mundo civilizado as condições indignas em que os trabalhadores ingleses viviam.

No prefácio alemão, Engels explica que as causas responsáveis pela sujeição do proletariado inglês devem ter o mesmo efeito na Alemanha. Entretanto, observa, a descrição da miséria da Inglaterra pode levar outras pessoas a verem a miséria existente na Alemanha e indicar os perigos que ameaçam a paz no país. Ele adiciona um exame introdutório da história do desenvolvimento econômico inglês nos primeiros dias da Revolução Industrial. Considera a ascensão do proletariado moderno o resultado mais importante desse vasto processo e lamenta a estupidez da burguesia inglesa – que não vê que o chão sob seus pés está preso a engoli-la com a inevitabilidade de uma lei matemática.

A maior parte do livro dedica-se a uma descrição da posição do proletariado em seus vários estratos – primeiro trabalhadores industriais, depois mineiros e trabalhadores agrícolas. Capítulos especiais lidam com a imigração irlandesa, as

grandes cidades e o efeito da concorrência no proletariado. O cartismo e o socialismo inglês são tratados sob o título de “Os movimentos operários”. Um capítulo final investiga a relação da classe média com o proletariado; e, após um diagnóstico completo da doença social, termina com um prognóstico de seu resultado – a profecia que conhecemos.

Mas esse rico material não permaneceu meramente descritivo. Ele ganhou uma unidade extraordinária pela consistência com a qual Engels o articulou sob seus princípios gerais, princípios que surgiram de convicções pessoais profundamente enraizadas. Seria errado acusar Engels de pintar uma imagem muito sombria da miséria do proletariado inglês naquele primeiro período do capitalismo. As pesquisas oficiais e os escritos de inúmeros cidadãos ingleses que estavam longe de serem comunistas revolucionários nos mostram a barbárie terrível existente. Ainda assim, é de grande importância se o autor de um livro como esse concebe a possibilidade de reformar essas condições ou pensa que uma reforma pacífica está fora de questão.

Engels não aguentava mais as fórmulas mágicas repetidas por Hess e pelos “socialistas verdadeiros”<sup>39</sup> – *Mensch, Wahrer Mensch, Gattungsmensch* [humano, verdadeiramente humano, gênero humano] e assim por diante. Nesse livro, ele deliberadamente deu as costas a essa linguagem. Para fazer isso, encontrou força na ideia redentora de que as imperfeições do sistema atual estavam vinculadas à sua necessidade inerente de produzir um sistema melhor. Embora a revolução inglesa ainda tardasse, ele aguardava ansiosamente o momento em que a concentração de capital e os efeitos devastadores das crises comerciais reduziriam toda a nação (com exceção de alguns milionários) ao nível proletário – e a levaria à ação. Agora via que a guerra de classes era a força motriz da revolta do proletariado. Mas como reconhecer esse fato brutal como uma necessidade histórica sem entrar em conflito com o credo humanista do idealismo alemão? Ele percebeu que, enquanto o capitalismo continuasse, haveria apenas duas alternativas para a maior parte da humanidade – abandonar-se ao destino ou pegar em armas por seus direitos enquanto homens. E assim a guerra de classes tornou-se um estágio do objetivo ideal dos humanistas. Quando Engels escreveu um novo prefácio para esse livro, três anos antes de sua morte, sentiu-se compelido a justificar-se pela afirmação enfática de que o comunismo não era um grito apenas em favor da classe trabalhadora, mas objetivava a libertação de toda a sociedade. Depois de meio século de luta contra a burguesia, ele admitiu que sua afirmação ainda era verdadeira “em abstrato”, mas acrescentou que, na prática, ela era “pior do que inútil”. Contudo, na juventude, ele estava inspirado pela crença de que o comunismo “não era um assunto dos trabalhadores, mas da espécie humana”.

Engels retornou a Barmen com a determinação de abandonar sua carreira nos negócios o mais rápido possível, a fim de dedicar-se sem impedimentos à

pesquisa científica e à propaganda comunista ao lado de Marx. Mas foi forçado a reconhecer que precisava esperar pelo menos alguns meses para que a decisão fosse aceitável para sua família, pois isso romperia com todas as suas tradições. Marx e ele perceberam que deveriam viver e trabalhar juntos; tinham que criar um novo comunismo com suas próprias forças, tanto um partido quanto uma filosofia. As primeiras reuniões de Engels com aqueles que se autodenominavam comunistas no distrito do Reno convenceram-no de que o futuro da causa dependia da construção de uma base teórica para o comunismo. Parecia-lhe especialmente urgente combater as dúvidas sobre sua viabilidade prática, que encontrava em todos os lugares. Ele prometeu a Marx que, dentro de três dias, escreveria um panfleto cobrindo esse ponto. Chocados ao assistirem às lutas mortais entre as indústrias domésticas, alguns espíritos escolhidos entre a burguesia alemã estavam voltados, naquele momento, a um socialismo moderado, e tinham fundado associações para promover o bem-estar das classes trabalhadoras. Esse movimento não desagradou os governos dos vários estados – eles ficaram satisfeitos com o fato de a atenção do público estar sendo desviada de questões mais embaraçosas, como governo representativo e liberdade de imprensa. Mas essas associações não eram um solo em que o comunismo poderia crescer.

Engels logo descobriu que era muito mais difícil fazer contato direto com a classe trabalhadora na Alemanha do que na Inglaterra. Os trabalhadores das áreas de tingimento e branqueamento de Wuppertal eram um esplêndido material para um movimento comunista. Mas como ele os alcançaria sob a onipresente vigilância da polícia? “Se alguém pudesse mostrar aos companheiros o caminho certo!”, lamentou-se a Marx, depois de fazer inúmeras tentativas malsucedidas. Na época, ele estava trabalhando em colaboração com Hess, embora algumas discordâncias se fizessem sentir às vezes. Eles foram compelidos a, no mínimo, fazer o possível entre membros das classes educadas, alguns dos quais se mostravam naquele momento receptivos a novas ideias sociais. Era possível convocar reuniões sem a permissão da polícia desde que seu objetivo fosse fundar associações para a melhoria das condições de vida da classe trabalhadora. Em tais reuniões, Engels conheceu pessoas que tinham algumas ideias radicais; como sempre foi otimista, escreveu a Marx: “Onde quer que se vá, é possível defrontar-se com um comunista”. A princípio, teve visões excessivamente esperançosas das perspectivas do movimento, como mostra seu artigo de 14 de dezembro de 1844 no *The New Moral World* intitulado “O rápido progresso do comunismo na Alemanha”.

Engels e Hess planejavam fundar uma revista mensal que, sem correr o risco de fechamento imediato por propaganda comunista aberta, imprimiria relatos da situação da classe trabalhadora na Alemanha. Esse plano foi descrito pelo ilustre escritor socialista cristão V. A. Huber como “um empreendimento que poderia, em mãos mais respeitáveis, satisfazer uma necessidade real e difundir

o conhecimento de possíveis melhorias”. Ela foi publicada em Elberfeld. Os dois convenceram a editora de que pretendiam fundar uma revista popular não política, cujo propósito era relatar fatos simples e ser o órgão das novas associações para o aprimoramento da classe trabalhadora. Seu título era *Gesellschaftsspiegel* [Espelho da Sociedade]. O subtítulo, “Órgão para a representação das classes populares despossuídas e para o melhoramento das condições sociais do presente”, pretendia persuadir o governo de que discutiria, mas não defenderia, os interesses do proletariado. No entanto, o governo logo se convenceu de que o novo empreendimento era perigoso. Embora não tenha sido capaz de fazer muito contra o livro de Engels, “quando seu conteúdo passou a ser divulgado por esses novos canais, a posição foi diferente”. O *Espelho da Sociedade* logo foi quebrado.

Aos olhos dos proprietários de fábricas de Elberfeld e Barmen, o trabalho de caridade tinha fundamento nos ideais cristãos. Assim, nas primeiras reuniões convocadas para fundar uma associação para a melhoria da classe trabalhadora, houve disputas ferozes entre clérigos e racionalistas. Engels e Hess se aproveitaram da emoção para dar publicidade a suas próprias demandas, mais radicais. Havia alguns funcionários públicos e jovens comerciantes que desejavam maiores informações sobre os objetivos e a viabilidade prática do comunismo; para estes, Engels e Hess concordaram em realizar uma reunião privada em um dos melhores restaurantes dali. Havia mais presentes do que eles esperavam. Alguns dias depois, quando as discussões continuaram, estavam falando para uma audiência de mais de cem pessoas. Numa terceira reunião, a multidão era tão grande que as autoridades proibiram que tais assembleias fossem repetidas.

Temos o relato de uma testemunha ocular desses que foram, provavelmente, os primeiros encontros socialistas da Alemanha.

Para fazer a coisa parecer inofensiva, alguns harpistas foram contratados. No início da reunião, foram lidos poemas baseados em temas sociais. Então Hess e “Friedrich Oswald” começaram seus discursos. Na audiência havia proprietários de manufaturas que vieram dar uma olhada e expressaram sua contrariedade com risadas e zombarias. A defesa da sociedade capitalista ficou a cargo do diretor do teatro local. Quanto mais violentamente ele atacava a possibilidade do comunismo, mais entusiasmados os notáveis bebiam por sua saúde.

Enquanto Hess elogiava o comunismo como a lei do amor, Engels achava mais apropriado apelar para a inteligência de seus ouvintes. Com frases lúcidas, ele analisou os absurdos que vira no sistema de livre concorrência da Inglaterra. Contrastou o sistema vigente com o comunismo, que removeria as diferenças entre as classes sociais e baniria as crises financeiras. Disse que havia várias maneiras de torná-lo realidade. Os ingleses fundariam alguns assentamentos comunistas e deixariam a cargo dos indivíduos aderir a eles se quisessem. Os

franceses introduziriam o comunismo de Estado via legislação. Como os alemães ingressariam nele, ainda não era possível dizer. Após a discussão da segunda noite, foi objetado que ele não havia demonstrado de modo suficientemente convincente a necessidade econômica do comunismo na Alemanha, embora tivesse explicado sua inevitabilidade na França e na Inglaterra. Ao responder a essa objeção na terceira noite, ele percebeu que estava fazendo seu último discurso. Determinado como estava a deixar a Alemanha imediatamente, agora se aventurava a afirmar que a revolução social era necessária também nesse país. Um de seus principais argumentos era a futura rivalidade comercial entre Alemanha e Inglaterra. Defendeu-se que, se os alemães conseguissem fortalecer suas indústrias com tarifas altas e, assim, competir com a Inglaterra em mercados neutros, as indústrias alemã e inglesa poderiam existir lado a lado em perfeita paz. Engels contestou isso. Ressaltou que, para que uma indústria não seja deixada para trás, ela precisa encontrar novos mercados. Se não houvesse mais novos mercados, a Inglaterra teria que proteger suas próprias indústrias punindo as de outros países. O resultado seria uma luta de vida ou morte entre as indústrias alemã e inglesa; Engels considerava que a Inglaterra a venceria. Nesse caso, as indústrias deprimidas da Alemanha não poderiam mais alimentar o proletariado que haviam criado artificialmente e a revolução social viria imediatamente. Mas mesmo que a Alemanha vencesse, ela ainda estaria onde a Inglaterra estava naquele momento – à beira da revolução social. E era ainda mais provável que a ruína da Inglaterra apressasse a revolta do proletariado alemão e que a revolução inglesa se estendesse a toda a Europa.

Foi bom para Engels falar em público pela primeira vez. Ele confessou a Marx que o rabiscar de caneta abstrato era algo muito diferente de se levantar diante de homens reais e pregar diretamente a eles, cara a cara. Engels não era um orador nato. Se o fosse, teria sido mais difícil para ele conter, como fez, seu impulso de fazer contato político direto com o proletariado.

Desde que tinha saído da casa dos pais, nunca mais passara um período tão longo em sua terra natal. Pela primeira vez, ele via, e via todos os dias, o abismo insuperável que o separava das convicções e sentimentos de seu lar. Parece que até então seu pai não tinha percebido a extensão das atividades de Engels como propagandista de ideias subversivas. E agora Engels era forçado a chegar a algum entendimento sobre seu futuro. Ele era incapaz de levar sua consideração e respeito muito longe. A ansiedade de sua família o convenceu a retomar o trabalho comercial no escritório de seu pai; mas, quinze dias após sua chegada, descobriu que isso seria impossível. Escreveu a Marx em 20 de janeiro de 1845:

Ficar contando centavos é horrível. Barmen é horrível, a perda de tempo é horrível, e acima de tudo é horrível continuar sendo não apenas um burguês, mas um

industrial, um burguês em oposição ativa ao proletariado. Precisei de apenas alguns dias na fábrica do velho para perceber o horror de tudo isso que outrora eu preferira ignorar. É claro que eu tinha planejado contar centavos o tempo que me conviesse, e então escrever algo proibido pela polícia, para enfim fazer uma saída graciosa pela fronteira. Mas mal posso esperar por isso. Acho que eu já estaria petrificado se não tivesse que escrever as histórias mais hediondas sobre as condições do povo inglês em meu livro todos os dias: isso pelo menos mantém minha indignação quente. Pode-se ser comunista e, ainda assim, manter a posição de burguês contador de centavos, desde que não se escreva. Mas a indústria, contar centavos e a propaganda comunista, tudo junto – impossível!

Impetuoso como era, ele achava a “vida enervante de uma família prussiana e cristã radical” cada vez mais intolerável à medida que as disputas entre ele e o pai aumentavam. Seu pai estava disposto a lhe dar dinheiro para estudar em Bonn, mas recusou-se resolutamente a sustentá-lo se estivesse pregando o comunismo. Ele ficou sabendo que Engels não deixara de receber comunistas em sua casa. As disputas descambaram para a guerra aberta quando Engels feriu o orgulho de seu pai (como destacado industrial e decano da igreja) pregando o comunismo em uma reunião pública. No dia 17 de março, Engels reclamou com Marx da “vida de cão” que estava levando em casa. “Você não pode imaginar”, escreveu ele, “a perversidade da caça às bruxas cristã que grita atrás da minha alma.” Disse que não começaria uma briga, pois sairia dali “em duas semanas, de um jeito ou de outro”. Mas, “se não fosse por minha mãe – que é realmente gentil e humana (embora não tenha independência em relação a meu pai) e a quem realmente amo – eu não pensaria nem por um momento em fazer concessões a meu pai fanático e despótico”.

Por fim, a relação entre pai e filho tornou-se tão intoleravelmente tensa que a polícia prestou um verdadeiro serviço a Engels ao demonstrar um interesse especial por ele. Uma prisão em Barmen significaria um escândalo que feriria mortalmente o orgulhoso pai. Assim, ele não opôs grande resistência quando Engels partiu para Bruxelas em busca de segurança. Marx fora expulso de Paris e estava morando em Bruxelas desde fevereiro.